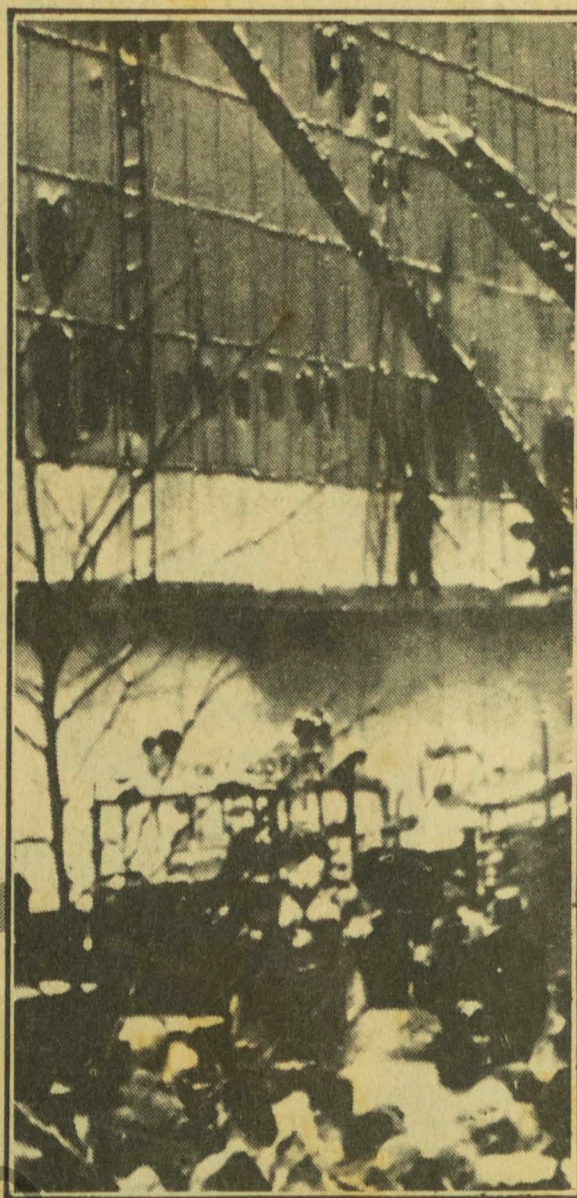


'FOGO NO MUSEU'

Depois do incêndio no MAM, um debate sobre segurança



Castelo de Rougemont: uma coleção de móveis preciosos e objetos de arte reduzida a cinza



Museu de Arte Moderna de Nova York: um incêndio destruiu, entre outros tesouros artísticos, o quadro "Nymphaea", de Monet

MARGARIDA AUTRAN

A primeira providência de Fernanda ao entrar no escritório do ICOM é ligar a chave geral do sistema elétrico que ela, como especialista em segurança, se habituou a desativar sempre que encerra mais um dia de trabalho. Sobre sua mesa empilha-se uma volumosa correspondência. São consultas de museus do país inteiro sobre os mais variados assuntos, desde iluminação a como fazer um pedido de verbas às autoridades; de pedidos de bolsas a problemas de mercado de trabalho e indicações de funcionários especializados, muitas vezes recrutados entre os estagiários da entidade. Tudo isso, e mais promoção de cursos, seminários e edição de publicações são funções da Amicom, central técnica de atendimento a museus, que ela também representa no Brasil, através da qual foi feito um cadastramento de todos os museus brasileiros, cujo perfil lhe permite conhecer suas condições de funcionamento.

— O que aconteceu no MAM já era esperado — afirma —, tanto que em 72, dei parecer negativo a uma solicitação do ICOM quanto à vinda a este museu da exposição Massada, de Israel, pois achava que não havia condições de segurança. No ano anterior participamos naquele mesmo museu do Salão da Eletrobrás com uma obra baseada em aparelhos elétricos e ficamos assustadíssimos: os slides não desciam, o BIP ficou mudo, saíam faíscas para todo lado. Desde então sabíamos da precariedade da parte elétrica do MAM. Ontem recebi telefonemas de apoio de membros da colônia israelita que, na época, não entenderam meu bloqueio à vinda da exposição Massada.

Fernanda afirma que, embora o Brasil não tenha recursos técnicos internacionais para debelar fogo, é possível fazer uma adaptação às nossas condições usando recursos humanos e adaptando a experiência de outros países, como a Turquia, o interior da Espanha e a Índia, onde o sistema de segurança é baseado no treinamento dos guardas dos museus no contra-ataque, exercitados pela diretora de um dos museus indianos, Smita Baxi.

— Todo diretor executivo (que deve ser sempre um museólogo) deve conhecer a parte de segurança e precisa ter ao seu lado um chefe de se-

gurança. Como, internacionalmente, o diretor do museu é sempre o responsável pelo acervo, este funcionário se dirige a ele diretamente, controlando todo o pessoal do museu neste setor.

Para Fernanda de Camargo de Almeida-Moro, no caso do MAM a falha foi humana, pois não havia um esquema mínimo de treinamento para o caso de ocorrer um sinistro.

— Assim que constata o início do fogo, o funcionário tem que avisar imediatamente o corpo de bombeiros e o diretor do museu, que orienta os bombeiros para que saibam que tipo de material têm que usar para debelar o incêndio, de forma a danificar o menos possível o acervo: se usam jato de areia, de água, de halon ou outro.

Quando ocorre um incêndio, as causas podem ser vandalismo ou falta de manutenção e tanto num como noutro é preciso haver uma estrutura técnica de suporte. O primeiro é incontrolável, mas a direção técnica tem que impedir que se torne um costume.

— No MAM, a criminalidade foi na propagação do incêndio. A direção não perdeu nada. O povo é que perdeu, por má gestão desta direção. O patrimônio é do povo e as classes menos favorecidas têm uma noção muito boa de patrimônio. As mais desinformadas são exatamente as classes mais capitalizadas. O que dói nesta história toda é que existe uma mentalidade muito ciosa de responsabilidade nos museus das cidades do interior, fato que constatamos pelas cartas que recebemos. É exatamente nos museus do Rio e de São Paulo que os problemas piores se concentram.

Tentando ajudar os museus brasileiros a resolver seus principais problemas — iluminação, climatização e segurança — é que o ICOM está lançando agora o livro "Prevenção e segurança de museus", editado pela Direção dos Museus de França, baseado num curso feito em Roma pa-

88 16-7-78 (VIAE)

"Fogo no museu" é o tema de um debate que, no dia 28 às 15h, no Museu Naval Oceanográfico, reúne museólogos brasileiros em torno da especialista francesa Jacqueline Thibault. Ela estará no Rio a partir da próxima segunda-feira, para fazer um seminário sobre prevenção e segurança dos museus, lançando na ocasião a versão brasileira de seu livro sobre o assunto. A primeira vista, pode parecer que toda esta programação — pautada desde o ano passá primeira vista, pode parecer que toda esta programação — pautada desde o ano passado pelo comitê brasileiro do ICOM (International Council of Museums), organização ligada à Unesco que reúne profissionais de museus de 107 países —, exatamente agora quando o MAM se transformou num monte de cinzas, é uma terrível coincidência. Entretanto, não foi à toa que a museóloga Fernanda de Camargo e Almeida-Moro, presidente daquela entidade no Brasil, escolheu este tema. É que, para os especialistas, já era um fato bastante conhecido e assustador a total falta de segurança dos museus brasileiros, especialmente do MAM.

ra profissionais do setor, que debateram com engenheiros de fogo e pessoal do corpo de bombeiros. A tradução brasileira foi adaptada às nossas condições, tendo sido ouvido o engenheiro de fogo Dr. Francisco José Junqueira e consultado o "Código de Obras do Município do Rio de Janeiro", que contém toda a legislação estadual sobre segurança contra incêndios.

— O Brasil não é subdesenvolvido nesta área — diz Fernanda, que participou daquele curso como representante do Comitê Internacional de Segurança dos Museus, pelo Brasil, enquanto Jacqueline Thibault representava a França.

— Na Europa, depois do incêndio do MAM, o interesse maior é, em vez de mandar novas exposições, enviar ao Brasil ajuda técnica. No momento em que existir uma estrutura técnica de peso, então mandará novas exposições. Considero uma loucura reabrir o MAM imediatamente, porque o Bloco Escola não tem recurso técnico nenhum. Devemos, antes de qualquer coisa, estudar as causas do fogo, fazer um documento para o ICOM sem esconder o que aconteceu para tirar lições e não redundar em novos incêndios.

Como consultora da Unesco, Fernanda apresentou dois projetos para Trinidad-Tobago sobre "Estabelecimento de museus" e "Estabelecimento de normas de preservação", onde pede às autoridades daquele país providências de proteção contra incêndio.

— Entreguei os "raports" há apenas 15 dias e agora acontece um incêndio destas proporções exatamente no meu país. Agora estão falando em um Sistema Nacional de Museus, por enquanto uma porta fechada no DAC. Temos muito medo que seja baseada em proporções fracas, porque entre as experiências do DAC há museus que estão tomando um bom rumo, como o Museu Imperial de Petrópolis e o MNBA. Mas temos o Museu Histórico que é uma tragédia. Temos medo que seu estatuto obsoleto possa influenciar porque ele é a paixão de todo museólogo, é a casa mãe. Mas está desmoronando. Mudaram sua fiação, mas o calabouço está exalando gás, as caruagens estão se desfazendo e a coleção de marfins de Goa está sendo estudada de maneira errada, de modo que se sumir uma peça não se acha mais.